

1936, o ano em que o Olimpismo foi sequestrado pelo totalitarismo

1936, the year in that Olympism was hijacked by totalitarianism

Elcio Loureiro Cornelsen

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Letras, Belo Horizonte/MG, Brasil
emcor@uol.com.br

RESUMO: Nossa contribuição visa a apresentar aspectos que atestam o sequestro do Olimpismo pelo nazismo no contexto dos Jogos Olímpicos de Berlim. Para isso, tomaremos por base artigos publicados na imprensa alemã, bem como as chamadas *Presseanweisungen* (“instruções de imprensa”), boletins diários expedidos pelo Ministério de InSTRUÇÃO Popular e Propaganda enquanto instrumentos de pré-censura. Apresentaremos também uma breve reflexão sobre o Movimento Olímpico e a retomada e atualização do ideal olímpico da Grécia Antiga por Pierre de Coubertin, que nos permite vislumbrar sua apropriação por um regime totalitário que, na contramão do Olimpismo, construiu uma “vitrine” da “nova Alemanha”, “amante da paz” em tempos de preparação para a guerra.

PALAVRAS-CHAVE: Olimpismo; Jogos Olímpicos de 1936; Nazismo; Imprensa; Grécia Antiga.

ABSTRACT: Our contribution aims to present aspects that attest the hijacking of Olympism by Nazism in the context of the Berlin Olympic Games. To do this, we will take as a basis articles published in the German press, as well as the so-called *Presseanweisungen* (“press instructions”), daily bulletins issued by the Ministry of Popular Education and Propaganda as pre-censorship instruments. We will also present a brief reflection on the Olympic Movement and the revival and updating of the Olympic ideal of Ancient Greece by Pierre de Coubertin, which allows us to glimpse its appropriation by a totalitarian regime that, contrary to Olympism, built a “showcase” of the “new Germany”, “a lover of peace” in times of preparation for war.

KEYWORDS: Olympism; 1936 Olympic Games; Nazism; Press; Ancient Greece.

OLIMPISMO SEQUESTRADO PELO TOTALITARISMO: UMA INTRODUÇÃO

Estudos históricos que se ocupam dos Jogos Olímpicos de 1936, em geral, partem de diversos pressupostos que têm menos a ver com desempenhos esportivos propriamente ditos, do que com o uso político promovido pela cúpula nazista no sentido de apresentar o Terceiro Reich ao Mundo em um ângulo que lhe fosse favorável em termos geopolíticos. Mais do que uma metáfora, ao falarmos de uma “vitrine” temos em mente inúmeras medidas tomadas e estratégias empregadas no intuito de forjar ou inventar laços da Alemanha nazista com a Grécia Antiga, como se o Estado alemão sob a égide do *Führer* concretizasse o espírito olímpico, no intuito de “mostrar ao mundo – e, portanto, fabricar – uma bela imagem da ‘nova’ Alemanha (*das neue Deutschland*), bem diferente daquela vivenciada no dia-a-dia de um Estado totalitário”¹ Aliás, baseado em palavras de Joseph Goebbels, Victor Klemperer utiliza outra metáfora para expressar essa “fabricação” da realidade no contexto dos Jogos Olímpicos em um apontamento em seus *Diários*, de 13 de agosto de 1936 – a de “livro” que passa, igualmente, por escolha e preparação: “E, em Berlim, as ‘milhares’ de pessoas foram conduzidas pela ‘força e alegria’; os estrangeiros, diante dos quais ‘a Alemanha é um livro aberto’ – mas quem escolheu e preparou as páginas desse livro?”.²

Não é necessário ser um “expert” em ideologia nazista para saber que sua incongruência frente ao Olimpismo, senão diametral, é no mínimo profunda. Cabe ressaltar que, conforme aponta Roberto López Estévez,³ Pierre de Coubertin atribuía ao esporte um valor pedagógico capaz de transformar a trajetória do homem e da sociedade, em que o esporte olímpico poderia contribuir para um mundo mais pacífico e fraternal, capaz de transmitir valores às novas gerações, influenciado pelas ideias difundidas pelo educador e historiador britânico Thomas Arnold (1795-1842). E Didier Fernando Gaviria Cortés aponta para o fato de que, em sua origem, o Olimpismo foi uma autêntica manifestação de desenvolvimento cultural e esportivo, que apontava a importância do corpo para a formação integral do ser humano, e o

¹ CORNELSEN; BLIKSTEIN. A utilização da mídia em estratégias de marketing político no contexto da olimpíada de Berlim, p. 14.

² KLEMPERER. Os *Diários de Victor Klemperer*, p. 174.

³ ESTEVEZ. Pierre de Coubertin, p. 4.

esporte figuraria como um âmbito propício para a criação de um ambiente de convivência e paz enquanto espaço de socialização de valores.⁴ Basta observarmos o caráter humanista do primeiro dos sete “Princípios Fundamentais do Olimpismo”, publicados na *Carta Olímpica*, que reafirma tal propósito:

O Olimpismo é uma filosofia de vida que exalta e combina de forma equilibrada as qualidades do corpo, da vontade e da mente. Aliando o desporto à cultura e educação, o Olimpismo procura ser criador de um estilo de vida fundado no prazer do esforço, no valor educativo do bom exemplo, na responsabilidade social e no respeito pelos princípios éticos fundamentais universais.⁵ (grifos nossos).

Já no segundo “Princípio”, isso se torna ainda mais evidente: “O objetivo do Olimpismo é o de colocar o desporto ao serviço do desenvolvimento harmonioso da pessoa humana em vista de promover uma sociedade pacífica preocupada com a preservação da dignidade humana”.⁶ (grifos nossos) Acresce que, segundo Roberto López Estévez,⁷ originalmente, Coubertin não considerava os Jogos Olímpicos uma mera competição desportiva, mas também como uma festividade nos moldes do que ocorria na Grécia Antiga, entretanto sem seu caráter sacralizado de culto a uma determinada divindade. Além disso, Estévez não deixa de alertar para o fato de que, em determinadas ocasiões, os princípios fundamentais da *Carta Olímpica* são desvirtuados em função do uso que determinada sociedade faz de tais princípios na prática de esportes de alto rendimento (exploração econômica, uso político, emprego de meios ilícitos como doping, violência etc.).⁸ De acordo com Didier Fernando Gaviria Cortés, o pensamento de Pierre de Coubertin apresenta um potencial de entendimento internacional, com “a criação de um movimento cuja participação transcende as categorias econômicas, políticas, religiosas e raciais, uma irmandade que promove o entendimento e, deste modo, contribui para a paz mundial”.⁹ O Olimpismo contribuiria, portanto, para a promoção de valores através da

⁴ CORTÉS. Pierre de Coubertin y su idea pedagogia del deporte y el olimpismo, p. 51-52.

⁵ Carta Olímpica, p. 25.

⁶ Carta Olímpica, p. 25.

⁷ ESTEVEZ. Pierre de Coubertin, p. 5.

⁸ ESTÉVEZ. Pierre de Coubertin, p. 5.

⁹ Salvo outra indicação, todas as traduções do alemão, do espanhol e do inglês para o português são de nossa autoria.

prática esportiva: “a solidariedade, a cooperação, a comunicação, a participação, a tolerância, o respeito aos demais, o trabalho em equipe, a convivência, a perseverança, a criatividade, a iniciativa, entre outros”.¹⁰

Todavia, como bem aponta o historiador Patrick Clastres, Pierre de Coubertin segue sendo uma figura controversa:

Por um lado, seus amigos e discípulos, juntamente com certos “hagiógrafos”, incluindo membros e presidentes do COI, ressuscitaram-no como um humanista icônico. Por outro lado, há toda uma literatura que o condena como “o grande sacerdote da religião do esporte” e assimila o Olimpismo ao fascismo.¹¹

Acertadamente, Patrick Clastres refuta tais rotulações por entender que não se trata de situar Pierre de Coubertin em um dos polos, entre idolatria e rejeição, mas, sim, entendê-lo em sua complexidade: “Na verdade, Pierre de Coubertin merece muito mais do que mera hagiografia ou lenda obscura”.¹² Aristocrata do *fin-de-siècle* e liberal pacifista são alguns de seus predicados apontados em vasta literatura mundo afora, algo que teria se originado a partir de escritos, relatos e pronunciamentos do próprio idealizador dos Jogos Olímpicos na era moderna: “O problema com Coubertin como ‘o renovador’ é que ele próprio forjou a lenda de sua vida ao publicar versões sucessivas de sua campanha educacional para o esporte, o renascimento dos Jogos Olímpicos e a invenção do Olimpismo”.¹³

CORTÉS. Pierre de Coubertin y su idea pedagogia del deporte y el olimpismo, p. 58. No original: la creación de un movimiento cuya participación trasciende las categorías económicas, políticas, religiosas y raciales, una hermandad que promueve el entendimiento y de este modo, contribuye a la paz mundial

¹⁰ CORTÉS. Pierre de Coubertin y su idea pedagogia del deporte y el olimpismo, p. 59. No original: la solidaridad, la cooperación, la comunicación, la participación, la tolerancia, el respeto a los demás, el trabajo en equipo, la convivencia, la perseverancia, la creatividad, la iniciativa, entre otros.

¹¹ CLASTRES. Playing with Greece, p. 1. No original: On the one hand, his friends and disciples along with certain “hagiographers”, including IOC (International Olympic Committee) members and Presidents, have resurrected him as an iconic humanist. On the other hand, there is a whole literature that condemns him as “the great priest of the religion of sport” and assimilates olympism to fascism.

¹² CLASTRES. Playing with Greece, p. 1. No original: Indeed, Pierre de Coubertin deserves far better than mere hagiography or black legend.

¹³ CLASTRES. Pirre de Coubertin from Writings to the Archives, p. 37. No original: The issue with Coubertin as “the renovator” is that he himself forged his life’s legend by publishing successive versions of his educational campaign for sport, the revival of the Olympic Games, and the reinvention of Olympism.

Por sua vez, há, ainda, outros predicados, como o da atitude presunçosa de um autêntico “demiurgo”, na crença de poder controlar os nacionalismos através da educação para a paz: “Ele foi presunçoso o suficiente para acreditar na dupla capacidade dos Jogos Olímpicos de promover a paz enquanto servem à causa das nações”.¹⁴ Corroboramos essas palavras de Clastres, uma vez que apontam para um aspecto fundamental: o recrudescimento das relações entre as nações europeias na segunda metade do século XIX, em um quadro que convergirá para conflitos bélicos, até à eclosão da Primeira Guerra Mundial. Portanto, não obstante o espírito pacifista propugnado pelo Olimpismo, era algo que Pierre de Coubertin não podia controlar.

Conforme constataremos a seguir, há diversos exemplos da incompatibilidade entre o Olimpismo, conforme concebido por Pierre de Coubertin, e a ideologia nazista, documentados nas chamadas “instruções de imprensa” (*Presseanweisungen*) e em matérias de jornal publicadas na imprensa alemã, sobretudo em órgãos de imprensa vinculados ao partido nazista e a suas organizações estatais.

1936: UM ANO DUPLAMENTE OLÍMPICO À SOMBRA DO RACISMO E DO ANTISEMITISMO

O ano de 1936 possui um aspecto singular na história dos Jogos Olímpicos na Era Moderna: o fato de um mesmo país ter duas cidades contempladas para sediar tanto os Jogos Olímpicos de Inverno, quanto os Jogos Olímpicos de Verão: a cidade de Garmisch-Partenkirchen, localizada nos Alpes Bávaros, e Berlim, capital do Reich. Por assim dizer, a 4^a edição dos Jogos Olímpicos de Inverno, realizados de 06 a 16 de fevereiro de 1936, acabou funcionando como uma espécie de “ensaio geral” para a 11^a edição dos Jogos Olímpicos de Verão, realizados de 01 a 16 de agosto de 1936. Nas três edições anteriores dos Jogos de Inverno, notamos que havia uma tendência do Comitê Olímpico Internacional (COI) em eleger sedes em um mesmo país onde ocorreriam os Jogos de Verão. Esse é o caso dos Jogos Olímpicos de Paris, de 1924, quando os Jogos de Inverno foram realizados na cidade de Chamonix-Mont-Blanc, e dos Jogos Olímpicos de Los Angeles, de 1932, quando os Jogos de Inverno

¹⁴ CLASTRES. Playing with Greece, p. 2. No original: He was presumptuous enough to believe in the two-fold capacity of the Olympic Games to advance peace while serving the cause of nations.

foram realizados na cidade de Lake Placid. Aliás, originalmente, Pierre de Coubertin era contrário à realização de Jogos Olímpicos de Inverno, por considerar que não havia ligações culturais e históricas com a tradição olímpica da Grécia Antiga.

Um dos principais documentos que atestam a farsa nazista no contexto olímpico são as “instruções de imprensa” (*Presseanweisungen*), instrumentos de pré-censura à qual a imprensa alemã estava submetida, expedidas em reuniões diárias com redatores dos diversos jornais no Ministério do Reich para InSTRUÇÃO Popular e Propaganda (*Reichsministerium für Volksaufklärung und Propaganda*), em Berlim. No intuito de encobrir o racismo e, especialmente, o antisemitismo na Alemanha pouco antes e durante os Jogos de Inverno em Garmisch-Partenkirchen por meio de manipulação na imprensa, foi ordenada a seguinte “instrução”:

Em consideração à Olimpíada de Inverno, é terminantemente proibido noticiar, doravante, sobre conflitos com estrangeiros e confrontos violentos com judeus. Até nas colunas locais devem ser evitadas coisas desse gênero sob todas as circunstâncias, para que, no último minuto, não seja fornecido à propaganda estrangeira material contra a Olimpíada de Inverno.¹⁵

Em outra “instrução”, datada de 28 de janeiro de 1936, praticamente uma semana antes da abertura dos Jogos Olímpicos de Inverno, foi ordenado que o atleta Rudi Ball (1911-1975), convocado para integrar a equipe olímpica alemã de hockey sobre o gelo, não deveria ser qualificado “nem de judeu nem de meio-judeu” (*weder als Juden noch als Halbjuden*), pois “seu arianismo insuficiente” (*sein mangelndes Ariertum*) não teria importância para a reportagem desportiva.¹⁶ Termos como esses, aliás, figuravam nos próprios textos de legalização do arianismo, do racismo e do antisemitismo no Terceiro Reich, na chamada “Lei de

¹⁵ ZSg. 101/7/65/nº 82, de 27 jan 1936, in Bohrmann, *NS-Presseanweisungen der Vorkriegszeit*, p. 85. No original: Mit Rücksicht auf die Winter-Olympiade wird es strengstens untersagt, in Zukunft über Zusammenstöße mit Ausländern und tätlichen Auseinandersetzungen mit Juden zu berichten. Bis in die lokalen Teile hinein sollen derartige Dinge unter allen Umständen vermieden werden, um nicht noch in letzter Minute der Auslandspropaganda Material gegen die Winter-Olympiade an die Hand zu geben.

¹⁶ ZSg. 101/7/67/nº 89, 28 jan. 1936, in Bohrmann, *NS-Presseanweisungen der Vorkriegszeit*, p. 92. Cabe um destaque especial à obra *NS-Presseanweisungen der Vorkriegszeit: Edition und Dokumentation* (1993), organizada por Hans Bohrmann e composta por sete volumes. Neles, está reunida a documentação de pré-censura, emitida no período de 1933 a 1939, sendo que cada volume corresponde a um ano. Trata-se, pois, de obra fundamental para se conhecer os mecanismos de pré-censura ativados pela Divisão IV de Imprensa, do Ministério de InSTRUÇÃO Popular e Propaganda, desde a chegada de Hitler ao poder até a eclosão da Segunda Guerra Mundial.

Proteção do Sangue Alemão e da Honra Alemã” (*Gesetz zum Schutze des deutschen Blutes und der deutschen Ehre*), também conhecida como “Lei de Proteção do Sangue” (*Blutschutzgesetz*), promulgada em 15 de setembro de 1935, durante a realização da convenção anual do partido nazista (*Reichsparteitag*) na cidade de Nuremberg. E na primeira “Portaria de implementação da Lei de Cidadania do Reich” (*Durchführungsverordnung zum Reichsbürgergesetz*), baixada em 14 de novembro de 1935, constam termos como “judeu completo” (*Volljude, volljüdisch*), “meio judeu” (*Halbjude, halbjüdisch*) e “judeus mestiços” (*jüdische Mischlinge*).¹⁷

Nesse sentido, é difícil de acreditar que os Delegados do COI não tivessem conhecimento desse tipo de “legislação” hedionda, que não tinha nada a ver com “uma sociedade pacífica preocupada com a preservação da dignidade humana”, que se orientava “no respeito pelos princípios éticos fundamentais universais”.¹⁸ Supõe-se que os interesses econômicos e geopolíticos, e a simpatia pela Alemanha nazista, que parte de Delegados do COI e de outros Comitês nacionais nutriam, falaram mais alto. De acordo com o historiador Reinhard Rürup,¹⁹ o principal debate em torno de um possível boicote dos Jogos foi travado entre Delegados da American Athletic Union (AAU), maior organização de atletismo do mundo. Todavia, tal debate chegou ao fim com a nomeação de Avery Brundage (1887-1975) para a presidência da AAU, defensor entusiasta da participação dos EUA nos Jogos. Segundo Susan D. Bacharach,²⁰ curadora do United States Holocaust Memorial Museum, na reunião da AAU realizada em 08 de dezembro de 1935 Brundage utilizou de suas habilidades para influenciar os Delegados, que votaram pelo indeferimento da moção de boicote dos Jogos Olímpicos de Berlim. Inclusive, quando o único Delegado norte-americano do COI que defendia o boicote incondicional, Ernst Lee Jahncke (1877-1951), foi desligado do Comitê no início de 1936, Avery Brundage, que também era o presidente do American Olympic Committee (AOC), assumiu seu lugar. Com isso, outros países seguiram o exemplo dos EUA, entre eles a Inglaterra e a França, e confirmaram presença de suas delegações em Berlim.

¹⁷ KAMMER; BARTSCH. *Nationalsozialismus*, p. 39-40.

¹⁸ Carta Olímpica, p. 25.

¹⁹ RÜRUP. 1936, p. 53.

²⁰ BACHARACH. *The Nazi Olympics*, p. 53.

Entretanto, assim como havia ocorrido com o atleta Rudi Ball no contexto dos Jogos de Inverno, a esgrimista Helene Mayer (1910-1953), considerada no jargão nazista como “meio judia” (*Halbjüdin*), que vivia nos Estados Unidos desde 1932, ganhadora da medalha de ouro na Olimpíada de 1928 em Amsterdã e quarta colocada em Los Angeles na modalidade “florete”, foi convocada para fazer parte da delegação alemã, sem ter sido submetida ao processo seletivo de qualificação. O convite oficial havia sido feito por carta datada de 21 de setembro de 1935, enviada à atleta por Hans von Tschammer und Osten (1887-1943), presidente da *Deutscher Reichsbund für Leibesübungen* (DRL; Liga Alemã para Ginástica) e membro do *Deutscher Olympischer Ausschuss* (Comitê Olímpico Alemão).²¹ Na verdade, conforme aponta Friedrich Bohlen (1979, p. 76), os nazistas pressionaram a mãe de Helene Mayer, que vivia em Hamburgo na Alemanha, a convencer a filha a aceitar o convite para participar da Olimpíada, integrando-se à delegação alemã. Tal estratégia visava a encobrir a real situação interna na Alemanha, em que discriminação racial e repressão estavam na ordem do dia, e para refutar o quadro divulgado no Exterior por grupos defensores do boicote, que alertavam para a falta de condições dos atletas judeus alemães, para competirem e se qualificarem aos Jogos Olímpicos.

Por sua vez, em 21 de fevereiro de 1936, cinco dias após o encerramento dos Jogos Olímpicos de Inverno, nova “instrução de imprensa” expressou a proibição categórica de investigações e, respectivamente, reportagens sobre a origem “não ariana” de alguns esportistas alemães participantes da Olimpíada. O governo ameaçou os jornais de fisco e proibição, caso a “instrução” não fosse literalmente observada.²² Tal ameaça revela a preocupação da cúpula nazista, a qual ainda temia tanto o boicote de Nações isoladamente aos Jogos Olímpicos de Verão, quanto a transferência dos jogos para outro país por causa da discriminação de atletas alemães de origem judaica.

Todavia, as “instruções de imprensa” destinadas a instruir os redatores a maquiar o racismo e o antisemitismo vigentes no cotidiano do Terceiro Reich não se limitaram a judeus, não mais reconhecidos, legalmente, em sua cidadania como alemães e taxados de “não arianos” pelas “Leis Raciais” de 1935. Enquanto evento

²¹ BACHARACH. *The Nazi Olympics*, p. 101.

²² ZSg.101/7/129/ nº 193, 21 fev. 1936, in Bohrmann, *NS-Presseanweisungen der Vorkriegszeit*, p. 197.

esportivo internacional, os Jogos Olímpicos de Berlim contariam com atletas, jornalistas e espectadores de várias partes do mundo. Uma semana antes do início dos Jogos, os redatores também foram lembrados a “não dirigir nenhum ataque contra usos e costumes estrangeiros durante o período dos Jogos Olímpicos” (*während der Zeit der Olympischen Spiele keine Angriffe gegen ausländische Sitten und Gebräuche zu richten*).²³ E alguns dias após a abertura dos Jogos, os redatores foram novamente instruídos para não associarem pontos de vista raciais a desempenhos esportivos: “Advertimos com insistência para que se evite carregar a cobertura dos Jogos Olímpicos com pontos de vista raciais”.²⁴

Entretanto, foco principal de novas “instruções de imprensa” expedidas durante os Jogos Olímpicos de Verão foram atletas negros, sobretudo da equipe olímpica norte-americana. No total, ao longo dos Jogos, nove “instruções” indicaram aos redatores a maneira como os jornalistas deveriam relatar sobre as vitórias tanto dos “guerreiros” (*Kämpfer*) alemães, como dos estrangeiros em suas matérias. A motivação da metade dessas “instruções” foi especialmente provocada pelo desempenho do atleta norte-americano Jesse Owens (1913-1980) na corrida de 100 metros rasos, ganhador de quatro medalhas de ouro naquela edição, tornando-se o principal fenômeno do atletismo nos Jogos Olímpicos de Berlim. No dia 03 de agosto de 1936, foram expedidas quatro “instruções”. Na primeira delas, é frisado que deveriam “ser mencionados no título somente os maiores desempenhos alemães” (*nur die deutschen Höchstleistungen in der Überschrift zu erwähnen*), e as reportagens não deveriam aparecer em grande destaque. Além disso, foi determinado que não deveria ocorrer, em hipótese alguma, a diminuição das vitórias estrangeiras.²⁵ Na “instrução” em questão, também foi salientado o seguinte: “O ponto de vista racial não deve, de maneira alguma, ser empregado na discussão dos resultados esportivos. Sobretudo os pretos não devem ser atingidos em seus sentimentos”.²⁶ Em

²³ ZSg.101/8/59/nº 753, 25 jul. 1936, in Bohrmann, *NS-Presseanweisungen der Vorkriegszeit*, p. 795.

²⁴ Zsg. 101/8/83/nº 808, de 06 de agosto de 1936, in Bohrmann. *NS-Presseanweisungen der Vorkriegszeit*. p. 853. No original: Es wird dringend gewarnt, die Berichterstattung der Olympischen Spiele mit rassischen Gesichtspunkten zu belasten.

²⁵ ZSg.101/8/77/ nº 790, 03 ago. 1936, in Bohrmann, *NS-Presseanweisungen der Vorkriegszeit*, p. 831.

²⁶ ZSg.101/8/77/ nº 790, 03 ago. 1936, in Bohrmann, *NS-Presseanweisungen der Vorkriegszeit*, p. 831. No original: Der Rassenstandpunkt soll in keiner Weise bei Besprechung der sportlichen Resultate Anwendung finden; vor allem sollen die Neger nicht in ihren Empfindlichkeiten getroffen werden.

outra “instrução” expedida no mesmo dia, essa ordem foi ampliada: “Pretos são cidadãos americanos e precisam ser significados como tal. Isto não significa que o fato de que um preto seja vencedor também não possa ser mencionado de passagem”.²⁷

A seguir, versaremos sobre um santuário necrológico, uma edificação que integra o Complexo Olímpico Poliesportivo, e como ele foi objeto de matéria publicada na imprensa alemã, no intuito de, discursivamente, revesti-lo de um sentido heroico e, ao mesmo tempo, sacrificial, associando os Jogos Olímpicos, simbolicamente, ao sacrifício do guerreiro em campo de batalha.

UM SANTUÁRIO NECROLÓGICO EM PLENO COMPLEXO OLÍMPICO POLIESPORTIVO

Conforme apontado anteriormente, o sequestro do Olimpismo pelo totalitarismo, lembrando que o termo deriva do Latim *sequestrare*, que, originalmente, significava “pôr em depósito, confiar; separar, afastar”,²⁸ foi viabilizado por uma série de medidas que não só encobrissem os desmandos, a repressão, o racismo e o antisemitismo que grassavam no cotidiano do Terceiro Reich, como também forjassem uma ponte simbólica entre a Grécia Antiga, como berço dos Jogos Olímpicos, e a Alemanha nazista.

Antes de chegarem ao poder em janeiro de 1933, os nazistas mostraram-se contrários à realização da Olimpíada em Berlim, que havia sido nomeada como sede dos XI Jogos Olímpicos em 13 de abril de 1931. As manifestações ideológicas e a prática política do nacional-socialismo, fundadas no nacionalismo, no expansionismo, no racialismo e no antisemitismo, contradiziam o ideal olímpico. As ideias de universalidade e democracia, implícitas no ideal olímpico, foram alvo de constantes e veementes críticas por parte da propaganda nazista. Um exemplo disso é o artigo publicado no jornal *Völkischer Beobachter* em 19 de fevereiro de 1932, no qual o racismo apregoado pelos nazistas é revelado também no âmbito do esporte:

²⁷ ZSg.102/3/3/53 (7), 03 ago. 1936, in Bohrmann, *NS-Presseanweisungen der Vorkriegszeit*, p. 832. No original: Neger seien amerikanische Staatsbürger und müßten als solche gewürdigt werden. Das schließe nicht aus, daß die Tatsache, daß ein Neger Sieger sei, nebenher auch miterwähnt werden könne.

²⁸ Dicionário Priberam, s/p.

Negros não têm nada o que procurar na Olimpíada. [...] hoje, infelizmente presenciamos que o homem livre frequentemente precisa até mesmo lutar pelo louro da vitória com pretos sem liberdade, com negros. Isso é uma profanação e humilhação sem par do ideal olímpico, e os antigos gregos certamente revirariam no túmulo, se soubessem o que os homens modernos fizeram de seus sagrados jogos nacionais. [...] Os próximos Jogos Olímpicos deverão acontecer no ano de 1936 em Berlim. Esperamos que os responsáveis estejam conscientes de seu dever. Os pretos devem ser desqualificados. Esperamos por isso.²⁹

Trata-se, pois, de uma mudança de curso na política nazista em relação aos Jogos Olímpicos, em que o Olimpismo seria apropriado por um regime totalitário para fins de propaganda. Cabe ressaltar que, segundo o cientista político Eckhard Jesse, regimes totalitários possuem determinadas características, que os diferenciam de regimes autoritários e podem ser sintetizadas nos seguintes pontos: (a) Um sistema totalitário se diferencia por uma centralização rígida de poder, enquanto um sistema autoritário ainda assegura certo pluralismo, mesmo que limitado; (b) um sistema totalitário tem por base uma ideologia exclusiva, enquanto um sistema autoritário se fundamenta numa postura tradicional não-conformada rigidamente; (c) enquanto um sistema totalitário força a mobilização das massas através de mecanismos de integração e de persuasão, um sistema autoritário renuncia a uma participação dirigida das massas, satisfazendo-se com a apatia política geral.³⁰

Entretanto, se a definição de totalitarismo proposta por Eckhard Jesse resulta do debate acadêmico da segunda metade do século XX e está centrada na estrutura organizacional de Estado, a historiadora Lucie Varga (1904-1941), contemporânea do nazismo, procurou traçar conjecturas para indicar suas especificidades enquanto fenômeno político e social, como, por exemplo, a estratégia de sedução empregada por suas organizações: “Esporte e política, prazer e dever, aventura e cálculo: de toda essa mistura emergiu uma sedução demoníaca para esses

²⁹ Apud Bohlen. *Die XI. Olympischen Spiele Berlin 1936*, p. 184. No original: ‘Neger haben auf der Olympiade nichts zu suchen. [...] so kann man heute leider erleben, daß der freie Mann oft sogar mit unfreien Schwarzen, mit Negern, um die Siegespalme kämpfen muß. Das ist eine Schändung und Entwürdigung des olympischen Gedankens ohnegleichen, und die alten Griechen würden sich bestimmt im Grabe umdrehen, wenn sie wüßten, was moderne Menschen aus ihren heiligen Nationalspielen gemacht haben. [...] Die nächsten Olympischen Spiele finden im Jahre 1936 in Berlin statt. Hoffentlich wissen die verantwortlichen Männer, was ihre Pflicht ist. Die Schwarzen müssen ausgeschlossen werden. Wir erwarten es.’

³⁰ JESSE. *Die Totalitarismusforschung im Streit der Meinungen*, p. 20.

homens”.³¹ Associado à sedução, o fanatismo era propagado nas organizações como elemento positivo:

A espinha dorsal dos funcionários do Estado é, portanto, a espinha dorsal do regime, uma espécie de “ordem alemã” que, lentamente, deve se tornar o Estado; toda a educação nacional-socialista na escola e mais ainda fora da escola, na Juventude Hitlerista, tem apenas um objetivo: criar fanáticos, cem por cento devotados, apenas formados e treinados para serem fanáticos nacional-socialistas. A racionalização do fanatismo e sua estabilização tornaram-se artes políticas modelares.³²

Essa passagem do ensaio de Lucie Varga, sem dúvida, vai ao encontro da definição proposta por Victor Klemperer para o termo *fanatisch* (fanático) em sua memorável obra *LTI – Lingua Tertii Imperii: Die Sprache des Dritten Reichs* (título em português: *LTI: A Linguagem do Terceiro Reich*), organizada a partir de seus diários escritos como testemunho daquele nefasto período. Para Klemperer, a instituição do poder se inicia com o domínio da linguagem: “O nazismo se embrenhou na carne e no sangue das massas por meio de palavras, expressões e frases que foram impostas pela repetição, milhares de vezes, e foram aceitas inconscientes e mecanicamente”.³³ Enquanto, originalmente, o termo *fanatisch* era empregado em termo pejorativo, este foi ressignificado pelo nazismo ao ser associado a atos de coragem e heroísmo:

Se por longo tempo, alguém emprega o termo fanático no lugar de “heroico” e “virtuoso”, ele acaba acreditando que um “fanático” é mesmo um herói virtuoso e que sem fanatismo não é possível ser herói. As palavras fanático e fanatismo não foram criadas pelo Terceiro Reich, mas seu sentido foi adulterado; em um só dia elas eram empregadas mais do que em qualquer outra época’.³⁴

Certamente, o discurso nazista de heroísmo e de fanatismo reverberava também no âmbito esportivo. Dentre as inúmeras estratégias para se “sacralizar” os Jogos Olímpicos de Berlim, há uma em especial, em que nos deparamos com uma “ritualização da morte heroica”: a construção de um mausoléu dentro do complexo olímpico poliesportivo, dedicado a soldados alemães que morreram em

³¹ VARGA. A gênese do nacional-socialismo: notas de análise social (1937), p. 61.

³² VARGA. A gênese do nacional-socialismo: notas de análise social (1937), p. 77.

³³ KLEMPERER. *LTI*, p. 55.

³⁴ KLEMPERER. *LTI*, p. 56.

combate na Batalha de Langemarck, cujo sentido pode ser estendido também àqueles que sucumbiram em outras batalhas da Primeira Guerra Mundial, defendendo a bandeira do Segundo Império (o *Kaiserreich*).³⁵ No mínimo, é de se causar estranheza encontrar tal mausoléu em um conjunto arquitetônico que, em princípio, deveria ser dedicado ao esporte olímpico. Afinal, devemos nos indagar: o que teria a ver esporte e guerra ou esporte e militarismo?

Inicialmente, podemos responder a tal indagação tomando por base a origem dos Jogos Olímpicos na Grécia Antiga. Embora não fossem os únicos jogos da Antiguidade, os Jogos Olímpicos eram aqueles que demandavam a celebração tácita entre as cidades-estado, de uma “trégua sagrada” (em Grego: *ekekheiría*) em conflitos bélicos, para que seus guerreiros medissem forças não nos campos de batalha, mas, sim, em um santuário em Olímpia, dedicado a Zeus, divindade suprema no panteão grego.³⁶ Podemos deduzir dessa conjectura que o cotidiano era marcado por estados de beligerância, enquanto a “trégua sagrada” representava uma exceção, que garantiria aos guerreiros e aos espectadores em geral (somente a homens era facultado o ingresso no santuário durante as competições) o acesso, a estada em Olímpia e o regresso a sua localidade de origem. Guerreiros adestrados militarmente para enfrentamentos, nos quais estavam sujeitos a morrer, mediariam forças entre si, sem que os embates resultassem em óbito dos contendores.

Entretanto, ainda na tentativa de responder à indagação anteriormente formulada, devemos considerar também que não só de corpos adestrados, mas também de armamentos se compunham os guerreiros. Estes poderiam ser, por exemplo, os próprios punhos envoltos com tiras de couro no pancrácio, modalidade de pugilismo que mesclava artes marciais, em um autêntico “vale tudo” de golpes desferidos com a cabeça, os braços, os cotovelos, as pernas, os joelhos e os pés. Mas os guerreiros que se destacavam nos campos de batalha por manusear com maestria uma das armas e equipamentos de defesa da época – o dardo, o disco, o capacete, o escudo, o domínio na condução de bigas e quadrigas – estavam aptos a representarem suas cidades-estado. Tomemos como exemplo o disco, que poderia

³⁵ CORNELSEN. Olímpia a serviço de Germânia, p. 203-204.

³⁶ YALOURIS. A importância e o prestígio dos Jogos, p. 81.

ser de pedra, ferro ou bronze, e chegar a pesar 9,5 kg: na guerra, era lançado para atingir adversários, sobretudo rachar crânios; em Olímpia, vencia o guerreiro que lançasse o disco a uma distância maior. É interessante, aliás, refletirmos sobre o fato de que a representação plástica mais famosa dos Jogos Olímpicos da Grécia Antiga, a qual sobreviveu ao tempo, é justamente o *Diskobólos* (Discóbolo; lançador de disco), do escultor grego Míron, que data de 445 a.E.C., originalmente forjada em bronze, mas que, posteriormente, seria difundida por Roma por meio de uma série de cópias em mármore. Descontextualizado do tempo em que foi erigido, o *Diskobólos* deixa de evidenciar aquilo o que ele representa para além do plano esportivo e, ao mesmo tempo, ritual: o corpo adestrado para a guerra, portando uma das armas da época. Aliás, o fascínio que a cúpula nazista nutria pelo *Diskóbolos* fez com que Hitler adquirisse uma das cópias romanas, ao lado da qual discursou na cerimônia de abertura da *Haus der Deutschen Kunst* (Casa da Arte Alemã), em 18 de julho de 1937.³⁷

Poderíamos indicar outros exemplos da relação entre esporte e guerra a partir da Antiguidade; porém, para a economia do presente artigo, retomemos o “santuário necrológico” de Berlim. Afinal, o que a cúpula nazista pretendia simbolizar com isso? Por que a Batalha de Langemarck seria representativa para supostas pretensões? São diversas as chaves de leitura possíveis. Uma primeira delas seria pensar a atuação do guerreiro a partir de duas noções: heroísmo e sacrifício. O excelente estudo de Luiz Gustavo Leitão Vieira, intitulado *A escrita da guerra: areté, nóstos e kléos na análise de narrativas de guerra* (2013), nos fornece três categorias que nos auxiliam na tarefa de pensarmos as noções de heroísmo e sacrifício: *areté* (excelência), *nóstos* (retorno) e *kléos* (glória). Vieira parte da *Ilíada*, “arquétipo da narrativa de guerra”,³⁸ para situar tais categorias, suscintamente apresentadas a seguir:

[...] Decisivo em guerras antigas, o poder individual, dos heróis épicos, vai sendo gradualmente anulado pelas armas advindas do avanço tecnológico que tornam o soldado vítima impotente e anônima. Metaforicamente, o herói se torna o Soldado Desconhecido. ‘Nóstos’ abrange toda a trajetória vivenciada pelo indivíduo, de início, meio e fim da experiência de combate, além do trauma resultante. ‘Kléos’ é aquilo que muitos desejam obter em combate: ter seu nome registrado de forma grandiosa e

³⁷ CORNELSEN. Olímpia a serviço de Germânia, p. 220.

³⁸ VIEIRA. *A escrita da guerra*, p. 12.

assim emulado por gerações futuras. ‘Kléos’ também representa o canto em si, a literatura; e, desta forma, o conceito é utilizado para análise da maneira como guerras são narradas.³⁹

Se *areté* é a excelência atingida pelo guerreiro em combate, o *nóstos* é sua vivência que abrange o retorno, enquanto *kléos* é a fama angariada em virtude de seus feitos, a qual pode ser enaltecida por meio de epinícios, ou seja, cânticos de louvor àqueles que realizavam feitos heroicos, incluindo os que atingiam o ápice em competições como os Jogos Olímpicos. Maior exemplo disso são as Odes Olímpicas compostas pelo poeta grego Píndaro (2016) entre 500 e 445 a.E.C.

Portanto, seja o guerreiro no campo de batalha ou o guerreiro na disputa olímpica, a excelência era almejada e poderia torná-lo um herói celebrado em cânticos triunfais ao retornar para casa. Porém, como bem aponta Vieira (2013, p. 14), com as mudanças tecnológicas durante séculos, essa distinção não mais seria possível diante do morticínio em massa que a “guerra de material” (no original: *Materialien Schlacht*, “batalha de material”), em uma expressão de Walter Benjamin,⁴⁰ passaria a representar no contexto da Primeira Guerra Mundial. Segundo Vieira,⁴¹ teria havido uma “substituição de Aquiles pelo Soldado Desconhecido”.

Por sua vez, o sentido necrológico que se pretendia atribuir ao “Pavilhão de Langemarck” está documentado em matérias jornalísticas publicadas no contexto dos Jogos Olímpicos de Berlim. O caderno especial da Olimpíada, publicado em 26 de julho de 1936 na edição nº 208 do jornal *Völkischer Beobachter*, órgão de imprensa do partido nazista, traz em destaque na página 28 uma longa matéria intitulada “Reichssportfeld, das monumentale Bauwerk Berlins” (“Campo de Esportes do Reich, a monumental obra de construção de Berlim”).⁴² Uma das seções dessa matéria é “Ein Ehrenmal der gefallenen Jugend” (“Um memorial em honra à juventude caída”). Nela, se evidencia o significado atribuído por seus idealizadores a tal santuário necrológico:

³⁹ VIEIRA. *A escrita da guerra*, p. 6.

⁴⁰ BENJAMIN. Teorias do fascismo alemão, p. 69.

⁴¹ VIEIRA. *A escrita da guerra*, p. 14.

⁴² REICHSSPORTFELD. *Völkischer Beobachter*, p. 28.

No andar superior da enorme arquibancada adjacente à Torre, que se abre para a Alameda Friedrich Freisen, fica o grande e espaçoso Pavilhão de Langemarck, fortemente sustentado por doze pilares, que fará da Torre *um marco de um memorial da Nação para além dos Jogos Olímpicos e atribui ao Campo de Esportes do Reich espiritualmente o seu conteúdo mais precioso*. No futuro, as competições nas grandes praças de disputa, os exercícios nos campos da Academia do Reich, as grandes marchas no Campo de Maio e a peça musical no Anfiteatro Dietrich Eckart acontecerão *em frente ao memorial da juventude alemã, que em 1914 cantou até à morte pela Alemanha.*⁴³ (grifos nossos).

Como esse trecho citado faz parte da longa matéria de apresentação do Campo de Esportes do Reich, ele demanda esclarecimentos quanto a determinadas referências espaciais relacionadas ao Pavilhão de Langemarck. A “Torre” que se ergue a partir do Pavilhão recebeu dois nomes: inicialmente, era chamada de “Torre do *Führer*” (*Führerturm*), mas, para suprimir seu caráter político, foi rebatizada de “Torre do Sino” (*Glockenturm*), assumindo, assim, um sentido religioso, feito uma torre de igreja. O “Sino-Olympia” (*Olympia-Glocke*), que pesava 13 toneladas e media 2,60 metros de altura, além de exibir em relevo o brasão da águia, trazia a inscrição “Eu convoco a juventude do mundo!” (*Ich rufe die Jugend der Welt!*). Desse modo, simbolicamente, associa-se os jovens que disputarão os Jogos aos jovens alemães que caíram na Batalha de Langemarck, como reza a narrativa mítica, cantando o hino da Alemanha. Segundo consta, a Batalha de Langemarck foi uma autêntica carnificina, travada em 10 de novembro de 1914, quando mais de dois mil jovens voluntários da 6^a Divisão de Reserva morreram em combate. A lenda em torno dessa Batalha originou-se de uma anotação feita no Diário da *Wehrmacht*, de que, naquele dia, os combatentes morreram cantando o hino alemão.⁴⁴ Porém, o articulista, inominado no texto publicado no *Völkischer Beobachter*, empresta ao conjunto de edificações um significado mais amplo, para

⁴³ EIN EHRENMAL. *Völkischer Beobachter*, p. 28. No original: Im Obergeschoß des an den Turm angrenzenden, massiv ausgeführten Tribünenteiles liegt, nach der Friedrich-Freisen-Allee zu geöffnet, die von zwölf Pfeilern kräftig gegliederte hochräumige Langemarckhalle, die über die Olympischen Spiele hinaus den Turm zum Wahrzeichen einer Gedenkstätte der Nation machen wird und dem Reichssportfeld damit geistig seinen kostbarsten Inhalt schenkt. So werden künftig die Wettkämpfe in den großen Kampfstätten, die Übungen auf den Feldern der Reichsakademie, die großen Aufmärsche auf dem Maifeld und das musiche Spiel der Dietrich-Eckart-Freilichtbühne angesichts der Gedächtnisstätte der deutschen Jugend stattfinden, die 1914 für Deutschland singend in den Tod gezogen ist. (grifos nossos)

⁴⁴ CORNELSEN. Olímpia a serviço de Germânia, p. 204-205.

além dos Jogos Olímpicos, ao referenciar o “Campo de Maio” (*Maifeld*), uma ampla área destinada a comícios e a marchas, bem ao estilo da estética das massas no período nazista, em uma apropriação do 1º de Maio, e também a Academia [de Ginástica] do Reich (*Reichssakademie für Leibesübungen*) e o “Anfiteatro Dietrich Eckart” (*Dietrich-Eckart-Freilichtbühne*), tornando-se, assim, “um memorial da Nação”.

Entretanto, de maneira inequívoca, o que torna o Pavilhão de Langemarck um santuário necrológico, é o que se segue nessa seção da matéria “Reichssportfeld, das monumentale Bauwerk Berlins” (“Campo de Esportes do Reich, a monumental obra de construção de Berlim”):

A decoração do Pavilhão de Langemarck é de grande simplicidade simbólica. Os doze pilares carregam as 76 bandeiras dos regimentos envolvidos na batalha. O massivo da Torre do Sino que se ergue ao centro do Pavilhão exibe em 10 placas de aço os nomes das divisões e dos batalhões que pertenciam a elas. A leste do bloco da Torre do Sino jaz no solo, debaixo de uma placa de aço, terra do Cemitério de Langemarck.⁴⁵

De acordo com o historiador Hilmar Hoffmann (1993, p. 23), o autor do projeto do Pavilhão de Langemarck foi Carl Diem (1882-1962), então Secretário Geral do Comitê Olímpico Alemão, que teria ido pessoalmente a Langemarck, localizada nos Flandres belgas, e retirado terra das sepulturas dos soldados alemães mortos na batalha, para depois colocá-la sob uma placa de metal, no solo do Pavilhão. Inclusive, é possível até mesmo que o texto publicado no *Völkischer Beobachter* seja de sua autoria. Portanto, edificado nos mínimos detalhes para produzir um sentido simbólico de heroísmo e sacrifício, o Pavilhão de Langemarck não deixa de ser também um símbolo do culto à guerra e à morte sacrificial do “guerreiro” pela “Nação”. Tal significado, mais uma vez, é reiterado na matéria pela menção a dois dizeres com letras gravadas em pedra nas paredes laterais do Pavilhão:

⁴⁵ EIN EHRENMAL, p. 28. No original: Der Schmuck der Langemarckhalle ist von großer, symbolhafter Einfachheit. Die zwölf Pfeiler tragen die 76 Fahnen der an der Schlacht beteiligten Regimenter; das Massiv des mitten durch die Halle stehenden Glockenturmes trägt auf zehn Stahlschilden die Namen der Divisionen und der ihnen zugehörigen Truppenteile. Östlich vor dem Block des Glockenturmes liegt im Fußboden unter einer Stahlplatte Erde aus dem Friedhof von Langemarck.

“Vós, sagradas fileiras cinzentas
Caminhai sob nuvens de glória
Nos carregai as consagrações de sangue
Do reino secreto!”

Walter Flex

“Viva lá no alto, ó Pátria,
E não conte os mortos,
A ti, querida,
Nem um único caiu a mais!”

Hölderlin⁴⁶

Cabe, aqui, uma referência aos dois autores citados. O primeiro deles, o escritor Walter Flex (1887-1917), é autor de obras como o drama *Klaus von Bismarck: Eine Tragödie* (1913; Klaus von Bismarck: uma tragédia), o livreto de cânticos *Das Volk in Eisen: Kriegsgesänge eines Kriegs-Freiwilligen* (1915; O povo em ferro: cânticos marciais de um voluntário de guerra) e o romance *Der Wanderer zwischen beiden Welten: Ein Kriegserlebnis* (1916; O caminhante entre dois mundos: uma vivência de guerra).⁴⁷ Pelos títulos, já é possível perceber que Walter Flex dedicou-se a temas associados ao Império alemão e à guerra, na qual tomou parte como voluntário no 50º Regimento de Infantaria. Durante a Operação Albion, codinome das ações militares conjuntas que visavam à ocupação do Arquipélago Moonsund, no Mar Báltico, em poder da Rússia, Walter Flex foi ferido gravemente e faleceu em 06 de outubro de 1917, em Oti Manor, na Ilha de Saaremaa, na Estônia. Desse modo, o escritor e militar tornou-se protótipo daquele que atinge o sacrifício heroico. Não por acaso, no período nazista os escritos de Walter Flex tornaram-se objeto de propaganda. A citação no Pavilhão de Langemarck é apenas um exemplo dessa apropriação, trata-se da última estrofe do poema “Ihr toten deutschen Soldaten” (Vós, soldados alemães mortos), extraída da obra *Das Weihnachtsmärchen des fünfzigsten Regiments* (1914; O Conto de Natal do Quinquagésimo Regimento).⁴⁸

⁴⁶ EIN EHRENMAL, p. 28. No original: „Ihr heiligen grauen Reihen/ Geht unter Wolken des Ruhmes/ Uns tragt die blutigen Weihen/ Des heimlichen Königtumes!“/ Walter Flex// „Lebe droben, o Vaterland,/ Und zähle nicht die Toten,/ Dir ist, liebes,/ Nicht einer zuviel gefallen!“/ Hölderlin.

⁴⁷ Walter Flex, s/p.

⁴⁸ FLEX. Ihr toten deutschen Soldaten, s/p.

Por sua vez, Johann Christian Friedrich Hölderlin (1770-1843) é considerado um dos maiores poetas e escritores alemães. Diferindo de Walter Flex, escritor praticamente desconhecido nos dias atuais, Hölderlin é figura presente no panteão literário, autor de obras famosas, entre elas o romance *Hyperion oder Der Eremit in Griechenland* (1799; Hyperion ou O eremita na Grécia), o drama *Der Tod des Empedokles* (1800; A morte de Empédocles) e a obra lírica *Die Tübinger Hymnen* (1793; Os hinos de Tübingen).⁴⁹ Embora contemporânea do Classicismo de Weimar e do Romantismo na virada do século XVIII para o XIX, sua obra possui características singulares que impedem uma classificação sem ressalvas. Sobretudo seu estilo associado a hinos permanece singular na Literatura de Língua Alemã, e sua lírica fragmentária influenciou as futuras gerações de poetas. Todavia, poemas de cunho patriótico, como, por exemplo, a ode “Der Tod fürs Vaterland” (A morte pela pátria), tornaram-se populares tanto na Primeira Guerra Mundial, quanto no período nazista, ao serem descontextualizadas de seu caráter liberal e republicano de origem. A citação do Pavilhão de Langemarck foi extraída, justamente, da ode acima indicada, trata-se de sua estrofe final.⁵⁰

A seguir, apresentaremos alguns exemplos que documentam o sequestro do Olimpismo na imprensa alemã, tendo por foco a imagem que se pretendeu construir da “nova” Alemanha sob o regime nazista como uma Nação “amante da paz”.

A ALEMANHA NAZISTA COMO “AMANTE DA PAZ” OU O SEQUESTRO DO OLIMPISMO NA IMPRENSA

O sequestro do Olimpismo pelo totalitarismo passou, necessariamente, pela ideia de “paz” (*Friede*), simbolicamente associada à “paz olímpica” derivada da própria “trégua sagrada” (*ekekheiría*) dos Jogos Olímpicos na Grécia Antiga. Sem dúvida, a “paz” é o termo explorado à exaustão pela propaganda nazista, e isso é comprovado também em relação à imprensa alemã. Várias matérias publicadas reiteram a ideia de “paz”, ao expressarem as diretrizes imputadas pela Divisão IV de Imprensa do Ministério para InSTRUÇÃO Popular e Propaganda por meio das “instruções de

⁴⁹ Friedrich Hölderlin, s/p.

⁵⁰ HÖLDERLIN. *Der Tod fürs Vaterland*, s/p.

imprensa". Vejamos, a seguir, alguns exemplos publicados nos jornais *Der Angriff* (O Ataque), órgão de imprensa da *Deutsche Arbeitsfront* (DAF; Frente Alemã de Trabalho), organização totalitária que substituiu os sindicados e centralizou o controle do âmbito do trabalho, e *Völkischer Beobachter* (Observador Popular), órgão de imprensa do partido nazista. Cabe lembrar que jornais alemães que não possuíam vínculo institucional com o partido nazista, centralizador do poder totalitário, estariam mais suscetíveis à pré-censura, pois haviam sido submetidos em setembro de 1933 à política de "Sincronização" (*Gleichschaltung*), termo do jargão nazista que significava a intervenção estatal em todos os âmbitos da cultura alemã para "sincronizá-los" aos interesses dos detentores do poder e, com isso, eliminar todo e qualquer foco de resistência ao nazismo.⁵¹

Na página 02 da edição nº 169, do jornal *Der Angriff*, publicada em 21 de julho de 1936, 10 dias antes da abertura dos Jogos, figura a matéria intitulada "Olympischer Geist in Deutschland erneuert" ("Renovado o espírito olímpico na Alemanha"), não assinada. Tema central dessa matéria é a corrida de revezamento com a tocha olímpica, de Olímpia a Berlim, que estabeleceria uma ponte simbólica entre a Grécia Antiga e a Alemanha nazista. O último parágrafo da matéria evidencia a ideia de "paz" que revestiria tal evento:

Pensem no fato de que, quando os sacerdotes acendiam o fogo no sagrado Altis, todo o mundo grego depunha as armas. *A guerra, o ódio, as diversidades de opinião eram esquecidos, predominava a trégua.* Em todas as terras gregas predominava uma completa tranquilidade espiritual, para que, com isso, os sagrados Jogos Olímpicos pudessem ser realizados, a fim de conduzir a impetuosa juventude em uma disputa elevada e pacífica.⁵² (grifos nossos).

O próprio título da matéria em questão destaca uma suposta "renovação" do *olympischer Geist* ("espírito olímpico") na Alemanha nazista. O texto nos mostra também que esta "renovação", para o sujeito da enunciação, seria o resgate de *eine völlige geistige Ruhe* ("uma completa tranquilidade espiritual") a partir de um

⁵¹ KAMMER; BARTSCH. *Nationalsozialismus*, p. 80-82.

⁵² Olympischer Geist, s/p. No original: Denkt daran, daß, wenn die Priester das Feuer in der heiligen Altis anfachten, die gesamte griechische Welt die Waffen niederlegte. *Der Krieg, der Haß, die Meinungsverschiedenheiten waren vergessen, es herrschte Waffenruhe.* In allen griechischen Landen herrschte eine völlige geistige Ruhe, damit die heiligen Olympischen Spiele durchgeführt werden konnten, um die stürmische Jugend in einen erhabenen und friedlichen Wettkampf zu führen. (grifos nossos).

evento esportivo no âmbito internacional, que deveria funcionar como *Symbol des Friedens* (“símbolo da paz”). Os demais termos e expressões, na verdade, gravitam em torno desses três. Das noções de *Frieden* e *Ruhe*, que o sujeito da enunciação crê “resgatar” do pensamento olímpico na Grécia Antiga, deriva, por exemplo, o termo *Waffenruhe* (“trégua”, “silêncio das armas”). E mais: a *Wettkampf* (“disputa”), substantivo composto que em alemão marca claramente o tom de diversidade pelo termo *Kampf* (“luta”), é, então, estrategicamente valorizada de maneira positiva pela associação com outros atributos, convertendo-se *in einen erhabenen und friedlichen Wettkampf* (“em uma disputa elevada e pacífica”). Na verdade, não devemos nos esquecer que a chamada “paz olímpica” ou “paz sagrada”, segundo as fontes históricas, vigorava por certo período, e que, portanto, pressupunha um período maior de hostilidades, onde estas eram legítimas. Como aponta Lauret Godoy, a Olimpíada na Era Antiga, realizada a cada quatro anos, era tida como “o maior encontro pacífico de todos os gregos”.⁵³ Quando os “espondoforos” (arautos ou mensageiros) proclamavam por todo o território grego a “trégua sagrada” três meses antes da abertura dos Jogos, qualquer tipo de contenda e de guerra era suspenso, e a transgressão de tal ordem era punida com pesadas penas impostas pelo senado. A carta de proclamação da “paz sagrada” dizia: “Que o mundo esteja livre do crime, do assassinato e do ruído das armas”.⁵⁴ Mas era apenas um breve período de “paz” em um mundo marcado por inúmeros conflitos entre as cidades e as regiões, e que, ao realizar a Olimpíada, trazia jovens guerreiros para a arena.

Por sua vez, na página 5 do encarte especial dos Jogos Olímpicos, da edição nº 207 do jornal *Völkischer Beobachter*, publicada em 25 de julho de 1936, um certo “Dr. phil” Friedrich Richter figura como o autor de uma matéria sobre o significado dos Jogos Olímpicos em relação à Antiguidade: “Der olympische Gedanke als Kulturträger” (“O pensamento olímpico como mensageiro de cultura”). A matéria é ilustrada por uma série de desenhos mostrando estatutas gregas, e no alto figura uma espécie de *relief* antigo. Em uma legenda, as gravuras são identificadas nos

⁵³ GODOY. *Os Jogos Olímpicos na Grécia Antiga*, p. 65.

⁵⁴ GODOY. *Os Jogos Olímpicos na Grécia Antiga*, p. 65.

idiomas alemão, inglês, francês e espanhol. Nas seguintes passagens do texto, evi-dencia-se a ideia de “paz” reiterada diversas vezes:

Quando a Alemanha declara-se partidária do pensamento olímpico, ela o faz não por insípidas razões de conveniência, mas *na convicção honesta de estar defendendo uma grande ideia que carrega consigo cultura, uma das poucas ideias em cujo serviço todos os países e povos podem se encontrar indistintamente*. Desta forma, os preparativos por parte da Alemanha, de grande envergadura e únicos no mundo, não resultam da inten-ção de se fazer propaganda nacional-socialista, como nos é oportunamente taxado por maldade e incompreensão, mas do real entusiasmo pela *ideia dos Jogos Olímpicos unindo os povos*. Pois, se antigamente em Hellas e no mundo grego da bacia do Mediterrâneo *as armas eram de-postas durante a Olimpíada*, do mesmo modo, *hoje em dia amplia-se o círculo dos países que observam a Paz Olímpica por todo o mundo*. [...]

A coesão da juventude, capaz de despertar entusiasmo, está em condi-ções de realizar essas metas. Mas a verdadeira paz é, ao mes-mo tempo, pressuposto e realização de todo objeti-vo cultural. Pela boca de seu Führer a Ale-manh a sempre se declarou partidária desta paz.

Portanto, que o mundo vislumbre nos preparativos da Alemanha, no entusiasmo olímpico pronto a entrar em ação de todos os alemães a prova de que *o povo alemão considera a ideia olímpica um instrumento da paz*, e quer comemorar os XI. Jogos Olímpicos como uma Festa da Paz.⁵⁵ (grifos nossos em itálico; grifos com caracteres espaçados no original).

Iniciaremos nossa interpretação da matéria acima citada pela questão da autoria. Como dito anteriormente, o texto é atribuído a um certo Dr. Friedrich Richter. Embora não tenhamos dados precisos sobre o sujeito da enunciação, podemos extrair

⁵⁵ RICHTER. Der olympische Gedanke als Kulturträger, p. 5. No original: Wenn Deutschland sich zum olympischen Gedanken bekennt, so tut es das nicht aus nüchternen Zweckmäßigkeitegründen, sondern *in der ehrlichen Überzeugung, für eine große, kulturtragende Idee einzutreten, für eine der ganz wenigen Ideen, in deren Dienst sich alle Länder und Völker unterschiedlos zusammenfinden können*. So sind die umfangreichen, in der Welt einzigdastehenden Vorbereitungsarbeiten Deutschlands nicht, wie es uns Bosheit und Unverstand gelegentlich unterstellt haben, aus der Absicht heraus geleistet worden, nationalsozialistische Propaganda zu machen, sondern aus wirklicher Begeisterung heraus für *die völkerverbindende Idee der Olympischen Spiele*. Denn wenn früher in Hellas und in der Griechenwelt des Mittelmeersbeckens zur Zeit der Olympien die Waffen ruhten, so spannt sich heute der Kreis der Länder, die den Olympischen Frieden achten, über die ganze Welt. [...] Die begeisterungsfähige Aufgeschlossenheit der Jugend ist imstande, diese Ziele zu verwirklichen. Wahrer Friede aber ist gleichzeitig Voraussetzung und Erfüllung allen kulturellen Strebens. Deutschland hat sich durch den berufenen Mund seines Führers immer wieder zu diesem Frieden bekannt.

So mag die Welt in den umfassenden Vorbereitungen Deutschlands, in der einsatzbereiten olympischen Begeisterung aller Deutschen den Beweis dafür erblicken, daß *das deutsche Volk die olympische Idee als ein Werkzeug des Friedens betrachtet* und die XI. Olympischen Spiele als ein Fest des Friedens feiern will. (grifos nossos em itálico; grifos com caracteres espaçados no original).

do próprio texto alguns indícios que demonstram o envolvimento do articulista com o partido nazista. Além do uso recorrente do atributo *nationalsozialistisch* (“nacional-socialista”), além do emprego do nome Hitler e do termo *Führer*, ou mesmo pela citação do *Mein Kampf* como epígrafe para a matéria. Mas, o indício mais contundente, investido pela própria linguagem, é quando o sujeito da enunciação instaura um “nos” (*uns*) coletivo, expressando assim seu pertencimento ao partido. Isto se dá quando é mencionada a acusação de que os nazistas utilizariam os Jogos Olímpicos para fazer propaganda nazista e, em seguida, é feita a defesa mediante a alegação de que “nos” é oportunamente taxado por maldade e incompreensão” (*wie es uns Bosheit und Unverständ gelegentlich unterstellt haben*). Quanto à função ou área de conhecimento, podemos pressupor pelo título acadêmico – *Dr. phil.: Doktor der Philosophie* – que se trate de alguém que atua na área de educação em nível superior, provavelmente na área dos Estudos Germânicos, Filosofia ou História. Portanto, Friedrich Richter demonstra ter por meta legitimar a política do partido nazista e de Hitler, e para isso vale-se de uma estratégia quase panfletária, como se falasse em nome do NSDAP.

Em relação à paratextualidade, inegavelmente, trata-se de uma matéria também voltada, em primeira linha, para o público estrangeiro. Os desenhos e as legendas em alemão, inglês, francês e espanhol possibilitariam um primeiro acesso ao texto. Já o título transmite a ideia de que os Jogos Olímpicos representariam um evento de alta cultura, esclarecido posteriormente no corpo do texto como instância de transmissão dessa suposta cultura ao longo dos séculos.

Por sua vez, os trechos da matéria acima citados demonstram que um de seus objetivos de cunho propagandista era de reforçar a ponte entre a Grécia Antiga e a Alemanha nazista por meio da noção de *Olympischer Friede* (“Paz Olímpica”). Com essa argumentação o sujeito da enunciação procura instaurar a ideia da deposição de armas e da suspensão de conflitos durante a Olimpíada na Grécia Antiga, para com isso colocar no lugar dos gregos a Alemanha nazista como aquela que seria – falsamente – “amante da paz”. Não podemos nos esquecer que, num mesmo jornal, encontravam-se matérias como as que estamos interpretando agora, e outras que cobriam o conflito na Península Ibérica com a deflagração da Guerra Civil Espanhola em 17 de julho de 1936, e a decorrente discussão em torno de uma possí-

vel intervenção militar na Espanha. Jogava-se, pois, ideologicamente com o contexto: matérias como estas de Richter pretendiam forjar uma suposta ideia de paz e confraternização que se estabeleceria alguns dias mais tarde com o início da Olimpíada de Berlim – o artigo é de 25 de julho de 1936, e os jogos se iniciaram em 1º de agosto de 1936 – e, ao mesmo tempo, dividir a opinião pública entre dois grupos distintos: aqueles que se encontrariam na Olimpíada, e aqueles que não só a boicotariam, mas também estariam envolvidos na Guerra Civil Espanhola, em primeira instância, a União Soviética. Para isso, nenhuma linha era escrita sobre o auxílio de Hitler a Franco desde as primeiras semanas e o envolvimento da Itália no conflito.

Dentre os termos semanticamente positivos, *Frieden* (“paz”) é o que tem maior incidência, ocorrendo cinco vezes em todo o texto. Este é mais um traço que, no conjunto das demais matérias, acabam por produzir a chamada “cacofonia polienunciativa”.⁵⁶ Interessante notar que destaque foram produzidos no original a partir de procedimento de diagramação dos caracteres espaçados, que enfatizavam a “verdadeira paz” (*Wahrer Friede*), “paz” (*Frieden*) e “festa da paz” (*Fest des Friedens*), além dos termos não destacados “a Paz Olímpica” (*den Olympischen Frieden*) e “um instrumento da paz” (*ein Werkzeug des Friedens*).

Portanto, a construção da imagem da Alemanha nazista como Nação “amante da paz” teve na imprensa alemã, sobretudo nos órgãos de imprensa vinculados ao partido nazista, um de seus canais de divulgação e de reiteração, com vistas a influenciar a opinião pública mundial e, com isso, encobrir o real caráter totalitário do regime nazista.

OLIMPISMO E DISCURSO TOTALITÁRIO – À GUIA DE CONCLUSÃO

O sequestro do Olimpismo pelo regime totalitário sob a égide do nazismo não foi reconhecido nesses termos pelo Comitê Olímpico Internacional. Ainda hoje, quando acessamos a página www.olympics.com, nos deparamos com uma interpretação dos Jogos, que se tornou lugar comum no pós-Segunda Guerra Mundial:

⁵⁶ BRAIT. As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso, p. 26.

Os Jogos de Berlim são mais lembrados pela tentativa fracassada de Adolf Hitler de usá-los para provar suas teorias de superioridade racial ariana. Como se viu, o herói mais popular dos Jogos foi o velocista e saltador em distância afro-americano Jesse Owens, que ganhou quatro medalhas de ouro nos 100m, 200m, revezamento 4x100m e salto em distância.⁵⁷

Fato é que os exemplos aqui apresentados revelam não só o grau, nos mínimos detalhes, como diversas medidas foram tomadas pelos detentores do poder para utilizar os Jogos Olímpicos para fins de propaganda política e ideológica, como também as estratégias adotadas no sentido de maquiar, temporariamente, o racismo e o antisemitismo no Terceiro Reich, se bem que os sinais eram tão evidentes, que dificilmente, não se tinha conhecimento deles. Se, por um lado, as “instruções de imprensa” emitidas no contexto dos Jogos Olímpicos de Inverno em Garmisch-Partenkirchen e, respectivamente, dos Jogos Olímpicos de Verão em Berlim, eram documentos secretos, as “Leis Raciais” de setembro de 1935 não o eram. Cabe lembrar, também, que um dos principais documentos de propaganda nazista no contexto daqueles Jogos é o filme *Olympia* (1938), da cineasta Leni Riefenstahl (1902-2003), lançado em duas partes: *Fest der Völker* (Festa dos Povos) e *Fest der Schönheit* (Festa da Beleza).⁵⁸ Objeto de críticas e debates acadêmicos, esse polêmico documentário, tido pelo historiador alemão Hilmar Hoffmann como “um documentário propagandista e uma propaganda documentária”,⁵⁹ nunca recebeu críticas do COI. Ao contrário, A fascinação do COI pelo filme de Riefenstahl na época em que foi lançado foi tão grande que a cineasta foi condecorada com a “Ordem Olímpica” em 1939.⁶⁰ Sequer o cineasta sueco Peter Cohen faz qualquer análise crítica dos Jogos Olímpicos de Berlim no documentário *The Architecture of Doom* (1989),⁶¹ ignorando-os, como se eles e os objetos artísticos que compõem o *Olympiastadion* e o *Reichssportfeld* não fizessem parte da “arquitetura da destruição”. Em contrapartida, no mesmo ano o cineasta britânico Peter Adam lançou o docu-

⁵⁷ About the Games [1936], s/p. No original: The Berlin Games are best remembered for Adolf Hitler's failed attempt to use them to prove his theories of Aryan racial superiority. As it turned out, the most popular hero of the Games was the African-American sprinter and long jumper Jesse Owens, who won four gold medals in the 100m, 200m, 4x100m relay and long jump.

⁵⁸ RIEFENSTAHL. *Olympia*.

⁵⁹ HOFFMANN. *Mythos Olympia*, p. 103.

⁶⁰ HOFFMANN. *Mythos Olympia*, p. 96.

⁶¹ COHEN. *The architecture of Doom*.

mentário *Art of the Third Reich* (1989),⁶² no qual não deixa de apresentar os Jogos e sua relação com as artes sob o jugo nazista.

Por sua vez, o discurso nazista ganhou materialidade na imprensa e contou com inúmeras matérias que foram publicadas no intuito de atribuir sentido aos Jogos Olímpicos, lançando uma “névoa” sobre as reais intenções e práticas do regime totalitário. Como tal, nada lhe escapava em termos organizacionais, nenhum âmbito da vida cultural, incluindo o esportivo.

Ficam aqui, portanto, exemplos documentados de como, naquele ano olímpico de 1936, as mensagens da Carta Olímpica não encontraram eco suficiente no sentido de mobilizar as instituições esportivas e seus Delegados a um boicote dos Jogos. Certamente, não se tinha a dimensão do que estava por vir, mas, poucos anos mais tarde, os campos de “disputa pacífica” dariam lugar aos campos de batalha e à carnificina que custou a vida de milhões.

* * *

REFERÊNCIAS

- ABOUT THE GAMES [1936]. **Olympics**. 2024. Disponível em: <https://olympics.com/en/olympic-games/berlin-1936>. Acesso em: 28 jul. 2024.
- BACHARACH, Susan D. **The Nazi Olympics**: Berlin 1936. Boston; New York; London: Little Brown and Company, 2000.
- BENJAMIN, Walter. Teorias do fascismo alemão. Sobre a coletânea ‘Guerra e Guerreiros’, editada por Ernst Jünger (1930). In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas; v. 1. Trad. Sérgio Rouanet, São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 61- 72.
- BOHLEN, Friedrich. **Die XI. Olympischen Spiele Berlin 1936**. Instrument der Innen- und Außenpropaganda und Systemsicherung des faschistischen Regimes. Köln: Pahl-Rugenstein, 1979.
- BOHRMANN, Hans (org.). **NS-Presseanweisungen der Vorkriegszeit**: Edition und Dokumentation. v. 4/I-II: 1936, München: Saur, 1993.
- BRAIT, Beth: As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso. In: BARROS, Diana Luz P. de; FIORIN, José Luiz (orgs.). **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade**. Em torno de Bakhtin. São Paulo: Edusp, 1994, p.11-27. Ensaios de Cultura; 7.

⁶² ADAM. *Art of the Third Reich*.

CARTA OLÍMPICA. Trad. Alexandre Miguel Mestre e Filipa Saldanha Lopes. Lisboa: Instituto Português do Desporto e Juventude, 2012.

CLASTRES, Patrick. Pierre de Coubertin from Writings to Archives. In: WAS-SONG, Stephan; MÜLLER, Norbert; CHAPPELET, Jean-Loup (orgs.). **Pierre de Coubertin and the Future**. Kassel, Agon Sportverlag, 2015, p. 37-54.

CLASTRES, Patrick, Playing with Greece. Pierre de Coubertin and the Mother-land of Humanities and Olympics, **Histoire@Politique**. Politique, culture, société, v. 3, n. 12, p. 1-14, set.-dez. 2010. Acesso em: 24 set. 2024.

CORNELSEN, Elcio Loureiro. Olímpia a serviço de Germânia: a recepção da arte e da tradição olímpica da Grécia antiga no contexto dos Jogos Olímpicos de Berlim. **Classica: Revista Brasileira de Estudos Clássicos**. v. 19, n. 2, p. 196-223, 2006. Acesso em: 28 jul. 2024.

CORNELSEN, Elcio Loureiro; BLIKSTEIN, Izidoro. A utilização da mídia em estratégias de marketing político no contexto da olimpíada de Berlim. **Recorde**. Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 1-23, jan./jun. 2019. Acesso em: 28 jul. 2024.

CORTÉS, Didier Fernando Gaviria. Pierre de Coubertin y su idea pedagógica del deporte y el olimpismo. **VIREF Revista de Educación Física**. Antioquia, v. 1, n. 1, p. 51-61, out.-dez./2012. Acesso em: 28 jul. 2024.

DICIONÁRIO PRIBERAM. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/>. Acesso em: 24 set. 2024.

EIN EHRENMAL der gefallenen Jugend. **Völkischer Beobachter**. 49º Ano, n. 208, p. 28, 26 jul. 1936.

ESTÉVEZ, Roberto López. Pierre de Coubertin: olimpismo moderno y movimiento olímpico. **EFDeportes.com**. Buenos Aires, Ano 17, n. 170, p. 1-7, jul. 2012. Acesso em: 28 jul. 2024.

FLEX, Walter. Ihr toten deutschen Soldaten. In: FLEX, Walter. Das Weihnachtsmärchen des Fünfzigsten Regiments (1914). **Projekt Gutenberg**, 2024. Acesso em: 26 jul. 2024.

FRIEDRICH HÖLDERLIN. **Projekt Gutenberg**, 2024. Disponível em: <https://www.projekt-gutenberg.org/autoren/namen/hoelderl.html>.

GODOY, Lauret. **Os Jogos Olímpicos na Grécia Antiga**. São Paulo: Nova Alexandria, 1996.

HOFFMANN, Hilmar. **Mythos Olympia**. Autonomie und Unterwerfung von Sport und Kultur, Berlin: Aufbau-Verlag, 1993.

HÖLDERLIN, Friedrich. Der Tod fürs Vaterland (1800). **Projekt Gutenberg**. 2024. Disponível em: <https://encurtador.com.br/fgkkA>.

JESSE, Eckhard. Die Totalitarismusforschung im Streit der Meinungen. In: _____. (Org.). **Totalitarismus im 20. Jahrhundert**. Eine Bilanz der internationalen Forschung. Bonn: Bundeszentrale für politische Bildung, 1996, p. 9-39.

KAMMER, Hilde; BARTSCH, Elisabet. **Nationalsozialismus**. Begriffe aus der Zeit der Gewaltherrschaft 1933-1945. Reinbek bei Hamburg: Rowohlt, 1992.

KLEMPERER, Victor. **LTI**: A linguagem do Terceiro Reich. Trad. Miriam Bettina Paulina Oelsner, Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

KLEMPERER, V. **Os Diários de Victor Klemperer**, Trad. Irene Aron, São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

OLYMPISCHER GEIST in Deutschland erneuert. **Der Angriff**. n. 169, p. 2, 21 jul. 1936.

PÍNDARO. **As Odes Olímpicas de Píndaro**. introd., Trad. e notas Glória Braga Onelley e Shirley Peçanha. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016.

REICHSSPORTFELD, das monumentale Bauwerk Berlins. **Völkischer Beobachter**. 49º Ano, n. 208, p. 28, 26 jul. 1936.

RICHTER, Friedrich. Der olympische Gedanke als Kulturträger. **Völkischer Beobachter**. 49º Ano, n. 207, Ed. Especial, p. 5, 25 jul. 1936.

RÜRUP, Reinhard. (org.). **1936**: Die Olympischen Spiele und der Nationalsozialismus. Eine Dokumentation, Berlin: Argon, 1996.

VARGA, Lucie. A gênese do nacional-socialismo: notas de análise social (1937). In: CASTRO, Celso; MARROQUIM, Dirceu. **Lucie Varga**: entre as mentalidades e o tempo presente. Trad. Pedrita Mynssen, Rio de Janeiro: FGV Editora, 2024, p. 55-84.

VIEIRA, Luiz Gustavo Leitão. **A escrita da guerra**: ‘areté’, ‘nóstos’ e ‘kléos’ na análise de narrativas de guerra. Tese (Doutorado em Estudos Literários), Pós-Lit: Estudos Literários da FALE/UFMG, Belo Horizonte, 2013.

WALTER FLEX (verbete). **Projekt Gutenberg**. 2024. Disponível em: <https://www.projekt-gutenberg.org/autoren/namen/flex.html>. Acesso em: 26 jul. 2024.

YALOURIS, Nicolaos. A importância e o prestígio dos Jogos. In: YALOURIS, Nicolaos (org.). **Os Jogos Olímpicos na Grécia Antiga**: Olímpia Antiga e os Jogos Olímpicos. Trad. Luiz Alberto M. Cabral, São Paulo: Odysseus, 2004, p. 81-85.

FILMOGRAFIA

ADAM, Peter (dir). **Art of the Third Reich**. Inglaterra, p&b; cor, 1989, 120 min.

COHEN, Peter (dir). **The Architecture of Doom**. Suécia, p&b; cor, 1989, 123 min.

RIEFENSTAHL, Leni (dir.). **Olympia**. Alemanha, p&b, 1938, 212 min. I: Fest der Völker, 115 min.; II: Fest der Schönheit, 97 min.

* * *

Recebido em: 28 jul. 2024.
Aprovado em: 25 set. 2024.